

A VINGANÇA DOS SETE

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO CINCO

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE JOANA FARO





OS EVENTOS DESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM ALTERADOS
PARA PROTEGER OS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES EXISTEM.

ÀLGUMAS DELAS QUEREM DESTRUIR VOCÊ.

CAPÍTULO UM

O PESADELO ACABOU. QUANDO ABRO OS OLHOS, NÃO HÁ NADA ALÉM da escuridão.

Estou em uma cama, disso eu sei, e não é a minha. O colchão enorme se molda perfeitamente a meu corpo, e por um instante me pergunto se meus amigos me levaram para uma cama maior na cobertura de Nove. Quando me espreguiço, meus pés e mãos não chegam nem à beirada da cama. O lençol que me cobre é mais escorregadio que macio, quase como se feito de plástico, e irradia calor. Noto que não é apenas calor, mas também uma vibração constante que alivia meus músculos doloridos.

Por quanto tempo dormi, e onde estou, afinal?

Tento me lembrar do que aconteceu, mas tudo o que vem à mente é minha última visão. Parece que passei dias em um pesadelo. Ainda sinto o fedor de borracha queimada de Washington. Nuvens de fumaça cobriam a cidade, um lembrete da batalha travada ali. Ou da batalha que será travada ali, se a visão se tornar realidade.

As visões. Será que são um novo Legado? Nenhum dos outros tem Legados que os fazem acordar traumatizados. Será que são profecias? Ameaças enviadas por Setrákus Ra, como os sonhos que John e Oito tinham? Serão avisos?

Sejam o que forem, gostaria que parassem de acontecer.

Respiro fundo algumas vezes para me livrar do cheiro de Washington, embora saiba que é tudo imaginação. Pior que o cheiro é lembrar de cada pequeno detalhe, até a expressão horrorizada de John quando me viu naquele palco com Setrákus Ra, condenando Seis à morte. Como eu, ele estava preso na visão. Eu estava impotente, detida entre Setrákus Ra, automeado regente da Terra, e...

Cinco. Ele está do lado dos mogadorianos! Preciso alertar os outros. Sento-me de repente e fico tonta – levantei rápido e cedo demais –, e pontos cor de ferrugem flutuam em minha visão. Pisco para afastá-los, com os olhos grudentos, a boca seca e a garganta dolorida.

Não estou mesmo na cobertura.

Meu movimento deve disparar algum sensor próximo, porque aos poucos as luzes do quarto vão ficando mais fortes, até o cômodo ficar banhado por um leve brilho vermelho. Olho em volta à procura da fonte de luz e descubro que pulsa de veios entrelaçados às paredes cromadas. Sinto um calafrio quando vejo que o quarto tem um aspecto funcional, severo, sem qualquer decoração. O cobertor fica mais quente, como se quisesse que eu voltasse para debaixo dele. Eu o empurro.

Estou em um lugar mogadoriano.

Rastejo pela cama imensa – maior que um SUV, grande o bastante para um ditador mogadoriano de três metros descansar com conforto – até meus pés descalços penderem sobre o piso de metal. Estou usando uma longa camisola cinza bordada com vinhas pretas e espinhentas. Estremeço ao pensar que me vestiram essa camisola e me deixaram aqui descansando. Podiam ter me matado, mas em vez disso colocam um pijama em mim? Na visão, eu estava sentada ao lado de Setrákus Ra. Ele me chamou de herdeira. O que significa? É por isso que ainda estou viva?

Não importa. O fato é que fui capturada. Eu sei. E agora, o que vou fazer?

Chego à conclusão de que os mogs devem ter me transferido para uma de suas bases. Só que este quarto não se parece com as terríveis e minúsculas celas que Nove e Seis despreveram depois de sua captura. Não, esta deve ser a distorcida ideia de hospitalidade dos mogadorianos. Estão tentando cuidar de mim.

Setrákus Ra quer que eu seja tratada mais como hóspede que como prisioneira. Porque, um dia, deseja que eu comande a seu lado. Ainda não entendo a razão, mas só estou viva por causa disso.

Ah, não. Se estou aqui, o que aconteceu com os outros em Chicago?

Minhas mãos começam a tremer e lágrimas ardem em meus olhos. Tenho que escapar. E preciso fazer isso sozinha.

Deixo o medo de lado. Deixo de lado as persistentes visões de uma Washington dizimada. Deixo de lado a preocupação com meus amigos. Deixo tudo de lado. Preciso ser uma tela em branco, como era quando lutei pela primeira vez com Setrákus no Novo México, como era durante as sessões de treinamento com os outros. Acho mais fácil ser corajosa quando não tenho que pensar nisso. Se agir por instinto, talvez consiga.

Corra, imagino Crayton dizendo. Corra até eles ficarem cansados demais para persegui-la.

Preciso de algo para usar contra eles. Olho em volta em busca de qualquer coisa que possa servir como arma. Ao lado da cama há um criado-mudo metálico, o único outro móvel do quarto. Os mogs deixaram para mim um copo d'água que não sou idiota de beber, embora esteja morta de sede. Ao lado do copo há um livro muito grosso com a capa de couro escorregadio que lembra pele de cobra. A tinta da capa parece chamuscada, e as palavras são fundas e ásperas nas extremidades como se tivessem sido impressas com ácido em vez de tinta.

O título é *O grande livro do progresso mogadoriano*, inesperadamente em inglês. Sob ele há uma série de formas angulosas e marcas confusas que presumo serem a língua mogadoriana.

Pego o livro e o abro. Cada página é dividida ao meio, inglês de um lado e mogadoriano do outro.

Eu me pergunto se esperam que eu leia.

Fecho o livro com força. O importante é que é pesado e posso usá-lo como arma. Não vou transformar nenhum guarda mogadoriano em uma nuvem de cinzas, mas é melhor que nada.

Saio da cama e vou até o que presumo ser uma porta. É um painel retangular cortado na parede laminada, mas não há maçaneta ou botões.

Quando me aproximo na ponta dos pés, imaginando como vou abri-la, escuto um zumbido de dentro da parede. Deve ser um sensor de movimento, como as luzes, porque a porta se ergue assim que me aproximo, desaparecendo teto adentro.

Não paro para me perguntar por que não estou trancada. Segurando com força o livro mogadoriano, saio para um corredor tão frio e metálico quanto o quarto.

– Ah – diz uma voz feminina. – Você acordou.

Em vez de guardas, uma mogadoriana está sentada em um banco do lado de fora de meu quarto, obviamente me esperando. Acho que nunca tinha visto uma mog do sexo feminino antes, e sem dúvida nunca vi alguém como ela. Com rugas na pele clara ao redor dos olhos, por incrível que pareça a mog de meia-idade tem uma aparência inofensiva com seu vestido longo de gola alta, semelhante a algo que uma das irmãs usaria em Santa Tereza. Sua cabeça está raspada, com exceção de duas tranças pretas compridas na parte de trás do crânio, e o restante do couro cabeludo é coberto por uma elaborada tatuagem. Em vez de ser desagradável e cruel como os mogs com quem já lutei, ela é quase elegante.

Paro diante dela, sem saber o que fazer.

A mog olha de relance para o livro que estou segurando e sorri.

– E pronta para começar seus estudos, pelo que vejo – diz ela, levantando-se. Ela é alta, esguia e lembra um pouco uma aranha.

Parada diante de mim, ela se inclina em uma elaborada medida.

– Senhora Ella, serei sua instrutora enquanto...

Assim que ela baixa a cabeça o suficiente, bato com o livro em seu rosto com toda a força.

O golpe a pega de surpresa, o que acho estranho, porque todos os mogs que já encontrei estavam prontos para lutar. Ela solta um grunhido e cai no chão, fazendo esvoaçar o tecido de seu vestido sofisticado.

Não paro para ver se a fiz perder os sentidos ou se ela está tirando uma arma de algum compartimento secreto do vestido. Corro sem saber para onde, lançando-me pelo corredor o mais rápido possível. Meus pés descalços ardem por causa do chão de metal, e meus músculos começam a doer, mas ignoro o incômodo. Tenho de sair daqui.

Pena que as bases secretas mogadorianas nunca têm uma placa indicando a saída.

Faço uma curva, depois outra, disparando por corredores quase idênticos. Agora que escapei, espero ouvir sirenes tocando, mas nada acontece. Também não ouço pesados passos mogadorianos atrás de mim.

Quando estou começando a ficar cansada e pensando em diminuir o ritmo, uma porta se abre à direita e dois mogadorianos saem. Esses são mais parecidos com os que estou acostumada – corpulentos, usando uniformes de combate pretos e me encarando com olhos pequenos. Contorno-os correndo, embora nenhum dos dois faça qualquer tentativa de me pegar. Na verdade, tenho a impressão de ouvir um deles rir.

O que está acontecendo aqui?

Consgio sentir os dois soldados mogs me olhando correr, então me enfio no primeiro corredor que vejo. Não sei se estou andando em círculos ou o quê. Não há qualquer luz do sol ou barulho exterior, nada que indique que estou me aproximando de uma saída. Não parece que os mogs sequer se importam com o que faço, como se soubessem que não tenho chance de escapar.

Diminuo o ritmo para recuperar o fôlego, percorrendo com cuidado esse último corredor estéril. Ainda estou segurando com força o livro – minha única arma – e começo a ter cãibra nas mãos. Eu as balanço e saio correndo.

À frente, uma ampla arcada se abre com um zumbido hidráulico; é diferente das outras portas, mais larga, e há estranhas luzes cintilantes do outro lado.

Luzes cintilantes, não. Estrelas.

Quando passo por baixo da arcada, o teto de metal dá lugar a uma bolha de vidro, a sala totalmente aberta, quase como um planetário. Só que real. Vários consoles e computadores saem do chão – talvez o lugar seja uma

espécie de sala de controle –, mas os ignoro, atraída pela vista vertiginosa da extensa janela.

Escuridão. Estrelas.

A Terra.

Agora entendo por que os mogadorianos não me perseguiram. Sabem que não tenho para onde ir.

Estou no espaço.

Eu me aproximo do vidro, pressionando as mãos sobre ele. Sinto o vazio do lado de fora, o interminável e gélido vácuo do espaço entre mim e a orbe azul flutuante a distância.

– Glorioso, não é?

Sua voz estrondosa é como um balde de água fria. Viro-me e forço as costas contra o vidro, sentindo que o vazio atrás de mim deve ser melhor que encará-lo.

Setrákus Ra está atrás de um dos painéis de controle, observando-me com uma sugestão de sorriso no rosto. A primeira coisa que noto é que ele não está tão grande quanto estava quando o combatemos na base de Dulce. Mesmo assim, Setrákus Ra é alto e imponente, com o grande corpo coberto por um austero uniforme preto, guarnecido e decorado com várias medalhas mogadorianas. Três pingentes lóricos, que ele tirou dos Gardes mortos, pendem de seu pescoço, emanando um sutil brilho cobalto.

– Vejo que já pegou meu livro – diz ele, indicando minha clava do tamanho de um dicionário. Não tinha percebido que o estava segurando contra o peito. – Embora não da forma que eu esperava. Por sorte, sua tutora não ficou gravemente ferida...

De repente, em minhas mãos, o livro começa a soltar um brilho vermelho, assim como o fragmento que peguei na base de Dulce. Não sei como estou fazendo isso, ou sequer se sou eu que estou fazendo.

– Ah – diz Setrákus Ra, observando com a sobranceira erguida. – Muito bem.

– Vá para o inferno! – grito, e jogo o livro brilhante nele.

Antes que sequer chegue perto de ser atingido, Setrákus Ra ergue uma imensa mão e o livro para no ar. Vejo o brilho com que o infundi se desvanecer aos poucos.

– Ora, ora – repreende ele. – Acho que já chega.

– O que quer de mim? – grito, com lágrimas frustradas enchendo meus olhos.

– Você já sabe – responde ele. – Eu lhe mostrei o que está por vir. Assim como um dia mostrei a Pittacus Lore.

Setrákus Ra aperta alguns botões no painel de controle diante de si e a nave começa a se mover. Aos poucos, a Terra, parecendo ao mesmo tempo incrivelmente distante e tão próxima que eu poderia esticar a mão e tocá-la, flutua por meu campo de visão.

Não estamos indo em direção a ela; estamos girando sem sair do lugar.

– Você está a bordo da *Anúbis* – entoa Setrákus Ra com um toque de orgulho na voz áspera. – A capitânia da frota mogadoriana.

Quando a nave completa a volta, eu perco o ar. Estendo a mão e pressiono-a contra o vidro para me apoiar, com os joelhos repentinamente fracos.

Do lado de fora, orbitando a Terra, está a frota mogadoriana. Centenas de naves – a maioria longa e prateada, mais ou menos do tamanho de um pequeno avião, iguais às que a Garde descreveu já ter enfrentado. Mas entre elas há pelo menos vinte enormes naves de guerra que fazem as demais parecer pequenas – vultuosas e ameaçadoras, com canhões giratórios emergindo de suas estruturas angulosas, cravados no incauto planeta abaixo.

– Não – sussurro. – Isto não pode estar acontecendo.

Setrákus Ra se aproxima, e estou chocada demais pela visão desesperadora para me mover. Com suavidade, ele cobre meu ombro com a mão. Sinto a frieza de seus dedos pálidos através da camisola.

– Chegou a hora – diz ele, olhando a frota comigo. – Enfim, a Grande Expansão chegou à Terra. Vamos comemorar juntos o progresso mogadoriano, minha neta.